

orla

HEY, PAI

Crônica | Por Bianca Almeida

VOCÊ LIGOU PARA O DISKBEAT

Entrevista | Da engenharia e odontologia para as pistas: como Thaís e Marina transformaram curiosidade em carreira na cena eletrônica.

DANI MOREIRA

Entrevista | Sensibilidade, processo criativo e música como território de identidade.



sumário

crônica

hey, pai!

um mergulho na vida de Evaldo Almeida

4

entrevista

Dani Moreira

o cantor e compositor conta um pouco de sua trajetória e da banda Chico e o Mar

6

análise

Agora todos querem ser latinos

como Bad Bunny tem transformado o ideal de ser latino

8

crítica

O novo testamento de Júlia Costa

crítica do novo álbum da rapper Júlia Costa.

12

resenha

Caju, ao vivo.

resenha visceral sobre o álbum "Caju", de Liniker.

14

perfil entrevista

Diskbeat

entrevista com o duo de DJs diskbeat

18

ensaio

Arte: ponte ou linguagem?

ensaio pela psicóloga Júlia Sayuri

22

playlist

orla indica playlist final

24

carta ao leitor

Querido leitor, querida leitora,

Esta revista nasce de uma paixão pela música que me acompanha desde a infância. Sinto que posso me considerar um pouco mais velha, já que comecei ouvindo fita K7, rádio, CD e pendrive. Minhas primeiras playlists eram anotadas em um caderno para depois fazer o download no 4shared. Depois de baixadas, as músicas ainda precisavam ir para o CD, em um processo minucioso de queima.

Hoje, sinto que o nosso modo de ouvir mudou, mas a música continua nos tocando. A maneira acelerada como vivemos também chegou aos nossos ouvidos. Se hoje assistimos a vídeos de um minuto, colocamos séries e vídeos na velocidade 2x, não temos paciência para ler livros e não conseguimos lidar com o tédio, também passamos a ouvir músicas mais curtas e a enjogar delas muito mais rápido.

Agora, os artistas se preocupam com qual parte da música vai para o TikTok e, com isso, a gente acaba perdendo um pouco da qualidade musical. Não se fazem tantas músicas com mais de três minutos porque elas não prendem a atenção.

Mas, caro leitor, eu sei que as músicas ainda nos causam arrepios, sensações, sentimentos e muito mais.

Para a leitura desta revista, peço que tragam consigo a criança analógica que existe dentro de vocês, para enxergar mais do que a música, mas também o sentimento por trás das histórias, entrevistas e análises que vocês lerão a seguir. Música é amor, afeto, política, história e transborda emoção.

Coloque seus fones de ouvido
e vem caminhar nessa orla.

Com carinho,
Bianca Almeida.





Hey, pai.

crônica | por Bianca Almeida

Ele nasceu em 1967. Seu nome foi escolhido para homenagear pessoas. Evaldo por causa do cantor Evaldo Braga, Antonio porque no dia seguinte, 13 de junho, é dia do santo padroeiro da cidade. Nascido e criado em Igarapé, cuidava do gado, da plantação e tirava leite. Tem mais sete irmãos, e as brincadeiras de criança deixaram traumas de adulto. Seus irmãos o prendiam em um barril e, hoje, se a gente sai e deixa a casa trancada, ele sofre de claustrofobia.

O melhor em geografia na turma, cresceu tímido, mas muito falante. Na sua juventude gostava de acampar, já fez o caminho Igarapé-congonhas a pé várias vezes (e depois criou uma comunidade do orkut para outras pessoas que já foram entrar também) e ia em danceterias e festas em outras cidades. Talvez daí tenha nascido um gosto musical único de Evaldo. A rádio Atalaia AM “tocava de tudo” e seus pais

foram os primeiros a influenciar suas preferências musicais. No ensino médio, foi influenciado pela turma da escola a ouvir rock.

Começou a trabalhar na UFMG com não sei quantos anos, mas vai se aposentar lá. Primeiro, na fazenda experimental de Igarapé, onde ficava na fábrica de ração (o que afetou a sua audição). Depois foi para Belo Horizonte, e acho que nesse ponto eu entro no jogo. Teve sua primogênita aos 36 anos e fez com que a infância dela fosse diferente da dele. Muitas caminhadas nos matos que ficam nos arredores da casa, pipa, andar a cavalo, andar de bicicleta, ir para a casa das avós no final DE SEMANA. MAS TUDO ISSO, TEM TRILHA SONORA.

Não sei se pro meu pai também tem, mas pra mim as músicas que marcaram minha infância foram “Take on me - do A - Ha” e “What a feeling” de Irene Cara. Lembro que a gente tinha

um rádio que tocava fita (cassete?) de música, tinha que rebobinar e às vezes embolava. Uma pena que a gente nunca foi de guardar nada, usei várias dessas fitas pra fazer rabiola pras minhas pipas. Mas, me lembro de ouvir take on me com meu pai e assistir ao clipe. Em algumas das minhas festas de aniversário, What a feeling tocava enquanto um dos meus tios registrava tudo com a sua filmadora. Meu pai trabalhava perto de um shopping, e no seu horário de almoço às vezes ia lá, já que ele não consegue ficar parado. Em várias tardes ele chegava com um novo CD em casa. Tínhamos uma mini coleção, mas a gente não guardou nada. Os que sobraram foram um da Pitty, um da Kelly Key, um do Fatboy Slim e um compilado de músicas eletrônicas meio summer eletrohits.

Quando compramos um computador, (lá pelo ano de 2011, talvez?) começamos a expandir nossos horizontes, porque não precisávamos comprar CD's, mas podíamos fazer cds com as músicas que a gente quisesse. Ai que entra o 4shared e o BurnCD. Meu pai me ensinou a baixar as músicas e depois a queimar os cds (colocar as músicas nele). Foi aí que eu comecei a criar grandes mixtapes. Primeiro colocava músicas das novelas que eu assistia, depois, comecei a fazer pesquisas mais a fundo. Ia no youtube, via playlists com as músicas que estavam em alta e anotava num caderninho uma lista de todas que eu queria. Mas era difícil conseguir todas perfeitamente na pirataria...

Em 2013, eu mudei de escola. Tava no 6º ano e é a partir daí que eu tenho lembranças mais claras das minhas preferências e tudo mais. Saiu nesse ano o primeiro álbum da Lorde, e eu comecei a entender o que era música Indie. Eu sofria bullying então me apeguei às coisas que eu gostava pra não perder o juízo. Comecei a ouvir Beatles, músicas dos anos 80 e tudo mais.

A partir daí eu comecei a querer ser diferente. Em 2017, lançaram a primeira temporada de Stranger Things, uma série que se passa nos anos 80 e tem muitas músicas boas na trilha sonora. Eu comecei a explorar isso e ouvir umas coisas diferentes das que meu pai ouvia. Um dia eu tava no quarto com o rádio e ele disse: "você tá ouvindo umas músicas estranhas né?" É normal pra uma menina perder um pouco da conexão com o pai na medida que cresce, mas acho que esse foi o ponto chave pro meu sentimento de "meu pai não gosta de mim" já que o nosso elo pra mim tinha sido quebrado bem ali.

Tem outras coisas também, claro. Meu pai sempre

teve uma postura mais mandona, do tipo que eu tinha até um horário pra dormir e tudo mais. A gente também nunca teve um jeito muito bom pra se comunicar quando o assunto é sentimentos. A música sempre ajudou a transmitir um pouco do que a gente sentia. Com o tempo eu entendi que meu pai também estava aprendendo muitas coisas, inclusive como ser pai do jeito dele. Então eu relevei isso dele falar mal das músicas que eu escutava. A gente cantava muito no karaokê também, eu e ele fazíamos um duetos de More than Words. (que pra mim resume a relação de sentimentalismo que eu tenho com a minha família)

Quando eu fiz 18 anos, meu pai me deu de presente uma caixa de som. Grande, com bluetooth, entrada pra microfone. Eu amava. Na pandemia o que eu fazia era ouvir músicas e me distrair no meio do caos. Quando eu vim pra faculdade, eu trouxe a caixa de som comigo. Uma parte muito importante de quem eu sou tá ali. Com o tempo, eu percebi que eu e meu pai fizemos coisas parecidas.

Parte de quem a gente é, foi feita por outras pessoas. Eu neguei isso por tempos porque eu não queria ser parecida com o meu pai. Mas, tudo que eu ouço hoje em dia tem um pouco do gosto dele. A ousadia dele de ouvir música eletrônica onde todos escutam sertanejo também está comigo. E a necessidade de ouvir música todo dia (principalmente música bem alta, na caixa de som) veio do meu pai.

Não sei o motivo exato pelo qual o meu pai escuta música. Mas eu escuto porque aprendi com ele. Porque a música traduz os meus sentimentos e me conecta com essa parte de mim que eu não posso deixar de lado. Quando eu estava na época de ir pras festa de 15 anos, meu pai comprou um mini aparelho de dj, e em algumas das festas ele tocava. Eu ficava com vergonha, mas hoje tenho vontade de fazer igual.

Perguntei pro meu pai suas músicas favoritas e uma delas foi Terra de Gigantes. E, hey pai, eu já tive uma guitarra elétrica, durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter. (nunca aprendi a tocar). As revistas, as revoltas, as conquistas e as músicas da juventude, com certeza, são heranças. Hey pai, valeu.

Dani Moreira

Pertencimento, poesia, chico e o mar.

A banda Chico e o Mar nasceu de encontros simples, afetivos e persistentes. À frente do projeto, Dani Moreira constrói canções que partem da experiência real, da convivência e da emoção como matéria-prima. Em conversa para esta revista, ele fala sobre o início da banda, o processo criativo, a cena de Belo Horizonte e o que a música representa na sua vida hoje.

Como surgiu a Chico e o Mar e como você começou na música?

Conheci o Caio em 2016 por uma amiga em comum. A gente queria fazer som, mesmo sem saber muito bem como. Tentamos uma banda em 2017, não deu certo, mas em 2018 resolvemos levar a sério. Eu era roadie (profissional técnico de bastidores de um show) da Young Lights na época e foi ali que aprendi muito sobre como funciona uma banda. O Gui me chamou no Instagram querendo participar de um ensaio comigo e com o Caio, e perguntou se podia levar o irmão, Gustavo, que tocava teclado. Encaixou na hora. Começamos com músicas que eu já tinha guardadas e criamos uma rotina muito intensa de encontros e ensaios. Em 2022 entrou o Thales, nosso baixista atual, que foi um passo muito importante pra banda.



A Chico e o Mar, formada em 2018, é composta por Dani Moreira (voz), Caio (guitarra), Gui (guitarra), Gustavo (teclado) e Thales (baixo). O grupo transita pelo indie/rock alternativo, com letras sensíveis e atmosfera introspectiva.

Qual é sua primeira lembrança ligada à música?

Meu irmão mais velho. Ele ouvia muito Led Zeppelin, Black Sabbath e depois começou a ouvir muito indie rock, tipo The Black Keys, Foals e Two Door Cinema Club. Eu cresci ouvindo isso e absorvendo o máximo que dava.

Teve alguém que despertou sua vontade de fazer música?

Meu irmão foi o primeiro. Depois tive fases. Acompanhei o começo do Tiago Iorc e, principalmente, a Young Lights, uma banda de indie rock de Belo Horizonte. Ser roadie deles foi quase um curso prático de como ser artista.

O nome veio antes ou depois das músicas? O que ele significa?

Veio depois. Queríamos algo leve e brasileiro. Chico é o nome do meu avô e sempre me remete ao interior, a um Brasil afetivo. O Mar vem da ideia de infinitude. É um nome aberto, que muda junto com a banda. Nunca vamos saber quem é o Chico.

Como é o seu processo criativo?

Quase sempre começa de uma emoção ou de uma história real. Escrevo um texto corrido, depois separo palavras que me chamam atenção e vou pro violão. A melodia vem de forma bem natural.

As referências da banda eram claras desde o início?

Sempre flertamos muito com o indie pop rock. A gente ouvia muita música, fazia playlists e vivia muito junto. Hoje as referências são mais amplas, passam por brasilidades, rap e outros gêneros, mas sempre existe um equilíbrio.

Belo Horizonte é inspiração pra você?

Tudo que eu escrevo vem do que vivo aqui. A cena de BH é potente, mas às vezes sinto ela

muito competitiva. Sempre senti falta de mais união entre artistas, mas também não acho que fiz muito pra mudar isso. Ainda tem tempo, e eu quero fazer algo pra realizar isso. Crescer junto é muito mais legal.

Teve uma música que fez você sentir que o projeto realmente funcionava?

“Serenó”. Foi nossa segunda música e entrou em playlists grandes do Spotify, inclusive como capa da Indie Brasil, hoje alt BR. Também saímos na Rolling Stone e no Tenho Mais Discos Que Amigos. Foi quando vi que a banda podia ter um impacto real.

Como foi o primeiro show?

Muito nervosismo, mas a gente ensaiava e conversava bastante. Isso deu muita segurança. Se tem uma coisa que sinto falta hoje é do tempo que a gente tinha pra estar junto. Banda precisa se encontrar, conversar, fazer som e se divertir. Apesar de ser uma relação profissional, é um relacionamento. Pra nós sempre foi algo meio de irmãos.

Quais são os próximos planos da banda?

Depois de um tempo de pausa de shows e criações, decidimos fazer um disco. Queremos reencontrar a diversão de fazer música, como era no começo. Fazer um disco dá esse espaço de brincar e se encontrar de novo.

O que a música representa pra você?

A música me ensinou que eu posso fazer o que eu quero. Apreendi tudo sozinho, a cantar, tocar e fazer música, porque meus pais não tinham condições de pagar aulas na época. Essa percepção de que eu consigo fazer algo mesmo não começando bom naquilo moldou muito quem eu sou. Me ensinou sobre processo, sobre ter paciência. A música virou o lugar onde eu mais me expressei e mais me reconheço. Sem música, acho que eu seria só mais um.



* AGORA TODOS QUEREM * SER LATINOS!

Bad Bunny, ou Benito Antonio Martínez Ocasio, é um artista de Porto Rico e, atualmente, o mais ouvido do mundo no Spotify. Há dez anos, ele estava trabalhando como empacotador de supermercado enquanto estudava comunicação e audiovisual na Universidade de Porto Rico. Paralelo aos estudos, ele se dedicava à música e divulgava suas canções no SoundCloud até ser descoberto e convidado para a gravadora Hear This Music.

Lançou seu primeiro álbum em 2018, *X100Pre*, e em 2020, com *El Último Tour del Mundo*, entrou para a história ao se tornar o primeiro álbum totalmente em espanhol a chegar ao Top 200 da Billboard. O feito se repetiu com *Un Verano Sin Ti* (2022), que se tornou o álbum mais reproduzido da história do Spotify.

Benito consegue, por meio de suas obras, unir e representar uma comunidade que, por muito tempo, não teve esse tipo de representação em escala mundial. E o mais interessante é que ele não precisou cantar em inglês para ganhar o prêmio de Álbum do Ano no Grammy.

No Brasil, esse reconhecimento demorou a acontecer. Enquanto em quase todos os países latino-americanos ao menos uma de suas músicas figurava entre as mais ouvidas, por aqui não havia nenhuma. Isso se deve a uma mistura de fatores, começando

pelos históricos.

Falamos português, diferente dos outros países latinos, e conquistamos nossa independência por meio de acordos. Geograficamente, somos o maior país da região, o que ajudou a construir uma ideia de grandeza e certa hegemonia. Durante muito tempo, ser latino foi associado a uma noção equivocada de atraso, da qual o Brasil tentou se afastar.

Além disso, o país sofre forte influência da cultura estadunidense no consumo cultural e mantém um mercado musical muito voltado para si mesmo. À primeira vista, isso pode parecer valorização da própria cultura, mas essa valorização acontece só até certo ponto e segue critérios bem específicos.

O Brasil é plural em termos culturais. Produzimos muitos estilos musicais e tradições diferentes, mas nem tudo recebe o mesmo espaço ou reconhecimento. O que domina o mercado é o sertanejo, frequentemente patrocinado pelo agronegócio e usado para criar uma imagem positiva desse setor. Enquanto isso, ritmos como o forró, o carimbó, o maracatu ou o brega seguem restritos a regiões específicas, muitas vezes tratados como algo menor ou apenas folclórico.

Isso mostra que não valoriz-





zamos tudo o que é nosso da mesma forma. Valorizamos o que é lucrativo, fácil de consumir e conveniente para o mercado. O resto sobrevive à margem, mesmo fazendo parte da nossa identidade.

É nesse ponto que aparece o que Nelson Rodrigues chamou de síndrome de vira-lata. Não como uma simples rejeição do Brasil, mas como uma relação contraditória.

Reconhecemos nossa força cultural, mas não confiamos totalmente nela. Parece que precisamos que venha de fora, premiada ou validada, para então aceitar como legítima.

Talvez por isso tantos artistas tenham recorrido ao inglês como estratégia de reconhecimento internacional. Não por falta de identidade, mas por desconfiança

dela. Como se o sucesso só fosse completo quando passasse pelo Norte e voltasse com selo de aprovação.

Nesse cenário, a América Latina nunca foi vista como espelho, mas como algo distante. Olhamos pouco para os lados do continente e muito para cima. É justamente essa lógica que Bad Bunny ajuda a desmontar ao alcançar o centro do pop global sem abandonar sua língua, sua estética e sua história.

Talvez esse seja o segredo de Bad Bunny. Manter a própria identidade. Foi isso que o fez chegar às paradas brasileiras e esgotar duas datas de show por aqui. Com o álbum *Debí Tirar Más Fotos*, Bunny rompe uma barreira simbólica no país por meio da identificação que o disco provoca.

A começar pela capa. Cadeiras de plástico, uma imagem que muitos latinos reconhecem imediatamente. Símbolo dos nossos bares, festas e reuniões familiares. Outro fator importante foi o sucesso das músicas no TikTok, onde muitas pessoas compartilharam vídeos para lembrar entes queridos. Bad Bunny conseguiu, com uma música em espanhol, representar um sentimento que costuma ser considerado intraduzível e que nomeamos em português como saudade. Talvez venha daí

tanta identificação.

Essa dimensão política aparece de forma ainda mais clara em *El Apagón*, faixa do álbum *Un Verano Sin Ti*. Na canção, Bad Bunny denuncia o colapso energético de Porto Rico, a privatização dos serviços básicos e o abandono da população local. Em determinado momento, ele ironiza o interesse repentino pela cultura latina, lembrando que muitos querem se apropriar da estética, mas não da vivência, do tempero, do ritmo e da história que sustentam essa identidade.

Em outro trecho, o artista expressa o desejo de partir, de sair daquele lugar, mas deixa claro que não é ele quem deveria ir embora. A frase ecoa como um cansaço coletivo, comum a territórios marcados pela exploração e pelo apagamento. O videoclipe, que se aproxima de um documentário, reforça que o pop latino também pode ser denúncia, memória e posicionamento.

Talvez o Brasil esteja começando a sair, ainda que aos poucos, da síndrome de vira-lata. Depois da comoção nacional em torno de *Ainda Estou Aqui* e das novas indicações ao Oscar com *O Agente Secreto*, os brasileiros começam a reconhecer a qualidade das próprias produções e a aceitar com menos resistência o título de latinos.

Ouvir Bad Bunny hoje não é apenas acompanhar um fenômeno global. É, para muitos, um reencontro tardio com uma identidade que por muito tempo preferimos negar.

Um artista para ouvir de cada país da América Latina

América do Sul



♪ Gracias a la Vida
A voz da América Latina.
Canta dor, esperança e memória coletiva.



♪ Clube da Esquina
Junto do eterno Lô Borges, canta sentimento, amizade e pertencimento. Vozes que atravessam o coração.



capa de clube da esquina. Créditos: spotify



♪ Warmikuna Yupay-Chasqapuni Kasunchik
Ancestralidade andina em forma de canto. Música como espiritualidade e território.



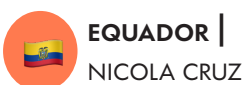
♪ Te Recuerdo
Amanda
O cotidiano transformado em poesia política. Memória e resistência.



♪ Las mujeres ya no lloran
Atemporal, neste álbum a cantora se reinventa mais uma vez.



capa de las mujeres ya no lloran
Créditos: spotify



♪ Cumbia del Olvido
Eletrônica com raízes andinas. Tradição e futuro unidos no mesmo ritmo.



♪ Che Pykasumi
Mistura guarani e música popular. Identidade falada e cantada.



♪ Negra Presuntuosa
Voz da cultura afro-peruana. Canção como afirmação e memória.



♪ Todo Se Transforma
Canções sobre deslocamento, afeto e humanidade.



♪ Me Rehúso
Pop latino global, viral e facilmente reconhecível.

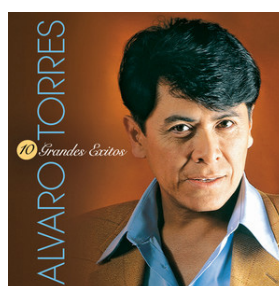
América Central



♪ Drunk Texting
Pop confessional e sensível. Afeto e amadurecimento.



♪ Nada Se Compara Contigo
Baladas populares que atravessaram gerações.



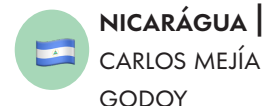
capa de 10 grandes éxitos
Créditos: spotify



♪ Fronteras
Folk latino sobre identidade, migração e pertencimento.



♪ Pompis con Pompis
Referência da música garífuna. Corpo, ritmo e memória afro-indígena.



♪ Nicaragua Nicaragüita
Canção popular ligada à história e à luta social.



♪ Pedro Navaja
Salsa como crônica urbana e denúncia social.

Caribe Latino



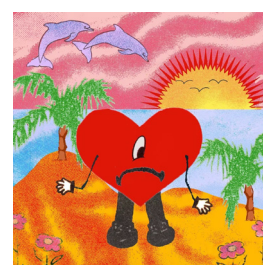
♪ Ojalá
Poesia, política e amor em estado puro.



♪ Bachata Rosa
Caribe romântico entre a bachata e merengue.



♪ El Apagón
A identidade caribenha no centro do mundo.







AJULLIA COSTA

O novo testamento do rap

A rapper Julia Costa, de Mogi das Cruzes, começou no rap aos 14 anos, em batalhas de rima. Hoje, continua na batalha, levantando a bandeira contra o machismo estrutural e espancando a porta para entrar no cenário. Seu novo álbum, Novo Testamento, firma uma nova era do rap feminino. Agora mais desbocadas — no bom sentido —, as rappers da nova geração não têm medo de falar o que pensam e não fazem rodeios para chegar ao ponto que querem levantar.

Uma das faixas que merece destaque é “O que a Julia Vai Ser?”, com uma lírica interessante que rebate os próprios pensamentos da cantora, que considera alternativas para alcançar a fama, mas precisa mudá-los quando percebe que não se encaixa no que é necessário. A música, atrelada ao clipe, faz críticas diretas à falta de consciência social disseminada por influenciadores digitais.

“Talvez seja melhor eu tentar outro caminho
Fazer um som meia-boca e depois divulgar tigrinho
Parece normal, mas eu tenho uma coisa,
consciência social
Então, muda, agora.”

No clipe, a cantora faz referência direta à influenciadora Virginia Fonseca, usando roupas e adereços semelhantes aos utilizados por ela na CPI das Bets. Em outra canção, Julia menciona:

“Marionete do sistema é lixo, te enche de merda, te faz de bobo
Dança a dancinha do TikTok, ombrinho mexendo e a cabeça na lua
O que ‘cê pensa já não é mais seu, nem suas ideias, filha, nem é mais sua.”

As letras mostram como o rap tem grande importância na construção da sociedade e na formação de uma identidade. Julia conversa com seu público e tenta mostrar o que existe fora da caixa do sistema. E, nada básica, a cantora consegue provocar questionamentos que talvez não sejam tão fáceis de

perceber à primeira vista.

Ao longo do disco, a cantora reafirma sua presença como voz ativa dentro do rap nacional, transformando crítica social em combustível criativo. Novo Testamento vai alm e carrega posicionamento e enfrentamento.. Ao tensionar fama, mercado e consciência, Julia não apenas ocupa espaço, mas crava o seu novo testamento, se consolidando como uma das mais potentes da nova geração do rap brasileiro.



Ano: 2025 (lançado em 15/09)
Gênero: Rap / Hip-hop
Artista: AJULIACOSTA (Mogi das Cruzes – SP)
Formato: Álbum (11 faixas; ~25 min)

Caju , ao vivo

resenha | por Yasmin Lombardi

Existe um fenômeno conhecido como “amnésia pós-show”, amplamente compartilhado na internet. Trata-se de um esquecimento que ocorre após vivências intensas e intencionais, como um show musical, em que a sobrecarga sensorial é tamanha que compromete a fixação das memórias. Um apagamento atípico diante da força da experiência.

Ao ver o artista favorito no palco, cantando para milhares de pessoas, o coro de vozes parece ultrapassar o espaço físico. As memórias, no entanto, tornam-se de difícil acesso. Especialistas apontam que a principal explicação para o fenômeno reside na intensificação dos sentimentos. Não se trata apenas de estar presente, mas de uma relação profunda entre o indivíduo e o fenômeno, algo que desperta interesse, provoca reações e absorve por completo.

É o que separa o simples viver do sobreviver. É o momento da surpresa e da contemplação: ver, enfim, quem mais se espera subir ao palco. O silêncio característico da plateia não é vazio, mas expectativa. Um anseio coletivo que quase parece dizer: “olhem para nós, seus fãs, estamos aqui para escutar”.

Depois da euforia, restam os vídeos gravados no celular, com o áudio estourado, e pequenos lapsos de memória. É como se olhos e ouvidos estivessem em sincronia demais para que o cérebro conseguisse reter tudo. Há algo de singular em ouvir uma música fora do Spotify, ao vivo. Estar.

É assim que me senti ao ver Liniker performar pela primei-

ra vez. Se me permitem adicionar um tom nada impessoal a esta resenha, aqui compartilho minha experiência com Caju, como jornalista mas também fã, porque para falar de Caju preciso falar de mim.

Quem é Liniker?

Liniker de Barros Ferreira Campos nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, no dia 3 de julho de 1995. Veio ao mundo com o canto já latejando nos ossos, em uma casa regida por samba, soul e samba-rock, a trilha sonora de uma infância embalada pela voz da mãe e pela presença do irmão, Vitor.

Desde cedo, a artista foi sendo moldada dentro de si. Primeiro no teatro, ainda adolescente, depois nas palavras que escreveria e nas canções que viriam. Foi na música que encontrou abrigo, grito e estrada.

Em 2015, o país conheceu sua potência vocal na banda Liniker e os Caramelows. A discografia estreou com as melodias “Zero”, “Caeu” e “Louise du Brésil”, do EP Cru (2015). Liniker surgia como quem abre caminhos: barba, saia, delineador e batom. Seu corpo sobre o palco era poema e manifesto.

Desde a banda, já presenciamos a mistura dos ritmos, os instrumentos utilizados para fazer sentir as intensidades das letras. Havia algo de ancestral e futurista naquelas músicas: uma fusão que misturava ritmos, afetos e o desejo de permanecer.

Liniker performava diante de um país que se registrava, em 2014, pelo 15º ano consecutivo, como o país que mais mata pessoas trans no mundo.

Com Goela Abaixo (2019), percorreu o mundo. Mais de 20 países acolheram a voz que nascia em Araraquara



e ganhava o mapa. Ao fim da turnê, Liniker decidiu seguir em carreira solo, em um momento também decisivo de sua travessia íntima.

Já havia se reconhecido como mulher trans e iniciado sua transição de gênero. A recepção do público e da mídia mudou e, com ela, as dores de se tornar visível em um país que pouco acolhe corpos dissidentes. Ainda assim, ela seguiu. E floresceu.

Em 2021, Indigo Borboleta Anil trouxe o voo solo. Foi com ele que Liniker se tornou a primeira artista trans a vencer um Grammy Latino, na categoria Melhor Álbum de Música Popular Brasileira.

No ano seguinte, tornou-se a primeira mulher transgênera a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Cultura, a de número 51. Em meio a conquistas e resistências, canções como “Baby 95” encantaram o público com sua delicadeza feroz.

Em 2025, Liniker brilhou com Caju. Uma obra que reafirma tudo o que ela é: ancestralidade negra, musicalidade refinada, subjetividade trans, potência poética. Liniker segue fazendo história, com a voz que canta e ecoa muito além do palco.

Do tempo, melodias e letras.

“Caju”, além de nomear o álbum, é o ponto de partida, a protagonista e a primeira canção que nos deparamos. Com seus 4 minutos e 26 segundos de duração, iniciamos a jornada com um vozerio de fundo. Logo, uma voz mecanizada, com o efeito sonoro de uma caixa de som, inicia instruções em japonês.

Trata-se de uma comissária de bordo. Seus exatos dizeres: “Olá, cliente. Obrigada por utilizar o nosso voo de hoje! Este avião partiu do Japão e seguirá para vários destinos. Por favor, relaxe e tenha uma boa volta para casa”.

Ocupando os primeiros segundos da canção e introduzindo o álbum em si, nos deparamos com a distância em que a jornada começa, no Japão, passando por vários destinos, que serão decifrados nas demais canções, até a volta para a casa — essa casa que ainda não tem demarcação.

Começar em um aeroporto, dentro de um avião, em um destino que fica a 24 horas de distância do Brasil, abre um leque de oportunidades, tanto para Caju, como alter ego de Liniker, quanto para quem escuta e aprecia. Caju é a protagonista. Ela nos acompanhará em toda jornada de escuta.

O álbum nasce desse retorno ao próprio corpo, ao pensamento, de uma escuta terapêutica que culmina na criação dessa persona. Caju é alter ego, mas também é corpo-ponte. Entre quem Liniker foi e quem aprendeu a ser depois de atravessar uma experiência de intensa dor e autoconhecimento.

Carrega um frescor, assim como o pseudofruto de mesmo nome, uma autonomia sensível e uma liberdade que se aprende no ritmo do tempo interno. Uma construção de si, uma nova existência, mas dessa vez, autônoma e amada.

A Caju de Liniker é força e afeto costurados com as linhas finas da memória, da escuta de si mesma e das temporalidades.

“Caju” é um sentimento. Vemos uma relação amorosa que foi construída nas canções. Vemos o amor surgir, se agitar, se acalmar, acabar. Acompanhamos a protagonista em uma descoberta de si e do Outro.

O disco, desde o primeiro momento, é uma jornada, um passeio pela vida, pela ancestralidade e pelos ritmos musicais brasileiros. O avião que parte do Japão carrega mais do que passageiros: transporta memórias,



esboços de esperança e a tentativa de retornar ao que ainda não tem nome, mas pulsa como lar.

A abertura do disco, com vozerios e a instrução em japonês, não é mero recurso estético. É demarcação de distância. Uma distância medida não apenas em quilômetros, mas em tempo emocional, em um passado que precisa ser atravessado para que possa se enfrentar o presente.

As letras são o que a protagonista diz para esse ser amado depois de pensar sobre a sua relação no longo voo. O processo de cura da artista necessita de um deslocamento: é preciso estar muito longe de si para desejar, com tanta urgência, o retorno.

Para quem escuta, a experiência estética é construída como uma potência de agir, viver, atuar, levantar e dançar ou amar.

Uma súplica vem ao longo da canção: “Quero saber se você vai correr atrás de mim. Num aeroporto”. A protagonista busca por um amor que a acompanhe, que se faça presente e que a conheça. Conheça o corpo, as vontades e o coração.

Aqui, acompanhamos o começo de um relacionamento, a esperança diante de um novo ser que vem sendo inserido na vida de Caju. Como se seus próprios questionamentos fossem demandas para que essa relação seja o amor correspondente que ela quer testemunhar.

Diante de tantas emoções, preocupações e expectativas, a artista ilustra não ser um ser perfeito. Canta: “Nuns dias, sou carente, completa, suficiente”, como se já desafiasse, com todas as cartas na mesa, esse amor a ficar diante dos defeitos, de ser caju, um pseudofruto.

E, como o pseudofruto, ela existe entre margens, entre definidas e indefinidas formas de ser. Mas é justamente nesse estado de incompletude, de imperfeição assumida, que a canção se ancora.

A expectativa amorosa da personagem exige alguém que esteja disposto a acolher essa ambiguidade, que veja beleza no caju com casca grossa e doce embaixo. Ao fazer do caju uma metáfora de si, Liniker transforma a vulnerabilidade em potência.

Caju fala de solidão, do medo diante do não ter ninguém para correr por você no aeroporto. O medo e a esperança diante do novo, a insegurança: “Será que você sabe que, no fundo, eu tenho medo. De correr sozinha e nunca alcançar?”

A questão de chegar em casa permanece: o amor estará lá?

Escutar “Caju” é experienciar

Escutar Caju não é um gesto simples. É um processo estético e sensível. O que começa como um contato

sensorial — vozes, ritmos, camadas sonoras e silêncios — se transforma em vivência afetiva, leva o ouvinte a se levantar, dançar pela sala, gritar a plenos pulmões.

É na escuta das dores e desejos de Liniker que a escuta também se abre para nossas próprias dores e desejos. O álbum Caju nos propõe uma travessia íntima, mas profundamente compartilhada.

Cada faixa é uma ruína que se ergue em som, um vestígio de uma história que não se fecha em si, mas pulsa como afeto coletivo. A escuta, nesse caso, é uma forma de presença: não passiva, mas porosa.

As canções, como performances, tentam se fazer sentir.

A primeira vez que ouvi Liniker cantar ao vivo foi ao lado de uma amiga, companheira de tantos shows que já perdemos a conta. Em um espaço para mais de cinco mil pessoas, escutamos juntas Liniker cumprimentar Belo Horizonte e iniciar o show com uma das canções do álbum — hoje sou incapaz de lembrar qual, sem o auxílio dos vídeos.

Registre apenas o começo; o resto foi vivido ali, no corpo. No conhecido “corpo e alma”, a potência da artista era palpável. Foi ali que compreendi melhor Caju. Senti-me como o próprio álbum: pronta para amar, ser amada, me decepcionar e me reconhecer.

Cada canção carrega em si uma narrativa, mas é a emoção que as atravessa que permite costurá-las como parte de uma só obra, como um fio afetivo que percorre todo o álbum.

Em Liniker, essa emoção estética se materializa na voz que oscila entre a doçura e o grito, no corpo que dança e performa o que canta, nas letras que falam do amor, da solidão, da espera e da reconexão com a própria casa.

Escutar Caju é experimentar um processo que não se encerra na duração do álbum. A emoção que nasce do encontro entre ouvinte e obra transforma a escuta em gesto ativo, político e sensível.

Ao ouvir Caju em casa, depois de ver Liniker ao vivo, a sensação é a de visitar aquela noite, mesmo com a memória falha: não para reconstruí-la, mas para reconhecê-la no corpo.

O álbum se impõe menos como narrativa fechada e mais como experiência compartilhada. Caju é corpo que canta e corpo que sente, que afeta e é afetado.

Ao fim, não se trata apenas de compreender o que Liniker quis dizer, mas de reconhecer o que cada um de nós sentiu nesse percurso. Porque, como lembra a própria artista, o que a gente precisa, afinal, é aprender a sonhar.



você ligou para o

Diskbeat



Como Thaís e Marina se tornaram o diskbeat?

Você já se perguntou como se torna dj? Eu já. Sempre quis saber a sensação de tocar para um público, como se produzem os mixes, se existe um curso para isso, se é talento nato, ou prática. Conheci a DISKBEAT na line-up da Só track boa de 2024. Marina e Thais ou Soltz e Siatt formam a dupla desde 2023. Mas, a carreira começou no individual

Marina, que hoje assina como Soltz, trabalhava como bartender na em uma balada de Belo Horizonte. A madrugada inteira atrás do balcão. O pagamento não compensava. "Eu trabalhava de 10h às 5h da manhã e eles me pagavam tipo R\$80, R\$90." Em algum momento, percebeu quanto ganhavam os DJs que tocavam ali. "Os

DJs ganhavam R\$150 uma hora. Eu fiquei 'caralho... eles ganham R\$150 uma hora e eu tô trabalhando sete horas pra ganhar 90? Não. Vou aprender a ser DJ.'" Ela, que cursou Odontologia, poderia até ter seguido o caminho mais previsível. Mas a música já estava acontecendo em paralelo, e estava funcionando. Quando terminou a faculdade, decidiu continuar tocando.

Taís, que hoje é Siatt, começou diferente. Adolescente, passava horas ouvindo música eletrônica. Cita o Trap Nation como uma das referências. "Com uns 13, 14 anos eu comecei a me interessar muito por música eletrônica... eu era alucinada." Comprou uma controladora simples. Não sabia exatamente como usar. Aprendeu sozinha.

Testando transições, errando, repetindo. Tocava em resenhas de amigos por pequenos cachês. Depois veio a faculdade de Engenharia Civil. A música ficou mais distante por um tempo. Voltou em 2021. Em 2023, virou uma decisão definitiva. Desde então, vive apenas disso.

As duas já circulavam na mesma cena em Belo Horizonte. Mercado pequeno, onde os nomes se repetem, os eventos se cruzam. Já tinham ouvido sets uma da outra, antes de se conhecerem. Quando se aproximaram,



primeiro veio a amizade. Depois a ideia de tocar juntas. Começaram em formato B2B (back to back), dividindo a controladora. Não foi simples. “B2B é muito difícil”, elas dizem. “São duas pessoas diferentes, dois gostos diferentes, cada uma quer fazer do seu jeito.” Era preciso aprender a dividir espaço e decisão. Ajustar não só o som, mas a dinâmica.

Com o tempo, a sintonia apareceu. “Hoje, se eu tô num show, eu sei exatamente o que ela vai fazer.” A outra completa: “A gente tocou tanto junto que virou uma coisa só.” Em 2023, consolidaram o nome DISKBEAT.

Pergunto como se aprende a ser DJ. A resposta não envolve curso específico. “Quando você tá lá na prática, você tem que ter a velocidade do momento.” Para elas, o aprendizado vem da pista. Do erro. De testar efeitos sem saber exatamente como vai soar. “É totalmente prática.” Hoje há mais acesso a conteúdo, mais material gratuito, equipamentos mais intuitivos. Ainda assim, a confiança vem do tempo tocando.

Antes de cada show, há preparação. “Tudo depende da

proposta.” Um festival de eletrônica pede uma construção diferente de uma formatura. Elas montam sets separadamente e depois ajustam juntas. Algumas músicas ficam por muito tempo. Outras entram e saem. “Não tem como a gente tocar só o que a gente gosta. A gente tá ali pra agradar as pessoas.” O equilíbrio é constante.

O repertório passa principalmente pelo funk. Quando surge a discussão sobre funk e música eletrônica, são objetivas. “Funk é música eletrônica. É um fato.” O que ainda existe, segundo elas, é resistência social. Falam da cena mais elitizada, da dificuldade de ocupar certos clubes, da divisão clara de públicos em Belo Horizonte.

A Só Track Boa de 2024 ampliou o alcance. Outro nível de evento de música eletrônica, com grandes nomes nacionais e internacionais. “Foi completamente inesperado.” Marina conta que tinha viagem marcada para o mesmo dia, mas conseguiu mudar a data para estarem presentes. O equipamento era diferente do que estavam acostumadas. Então tiveram que treinar no único estúdio de Belo Horizonte que contava com o aparelho que precisavam. Ajustaram o set. “Não pode errar.” E não erraram nada. No dia, o palco começou mais vazio e foi enchendo. Depois vieram as mensagens, os vídeos, a repercussão. Foi um marco dentro de um processo que já vinha acontecendo.



Agora, além de tocar, elas começam a investir em produção musical. “É outro mundo.” Produzir exige estudo técnico, tempo, repetição. Ser DJ ajuda na escuta e na estrutura, mas Belo Horizonte continua sendo um desafio. Algumas portas ainda não se abrem. Alguns line-ups continuam repetindo os mesmos nomes. E, ser mulher nessa profissão também traz mais desafios. Mas elas seguem tocando. Dentro e fora da cidade. Explorando

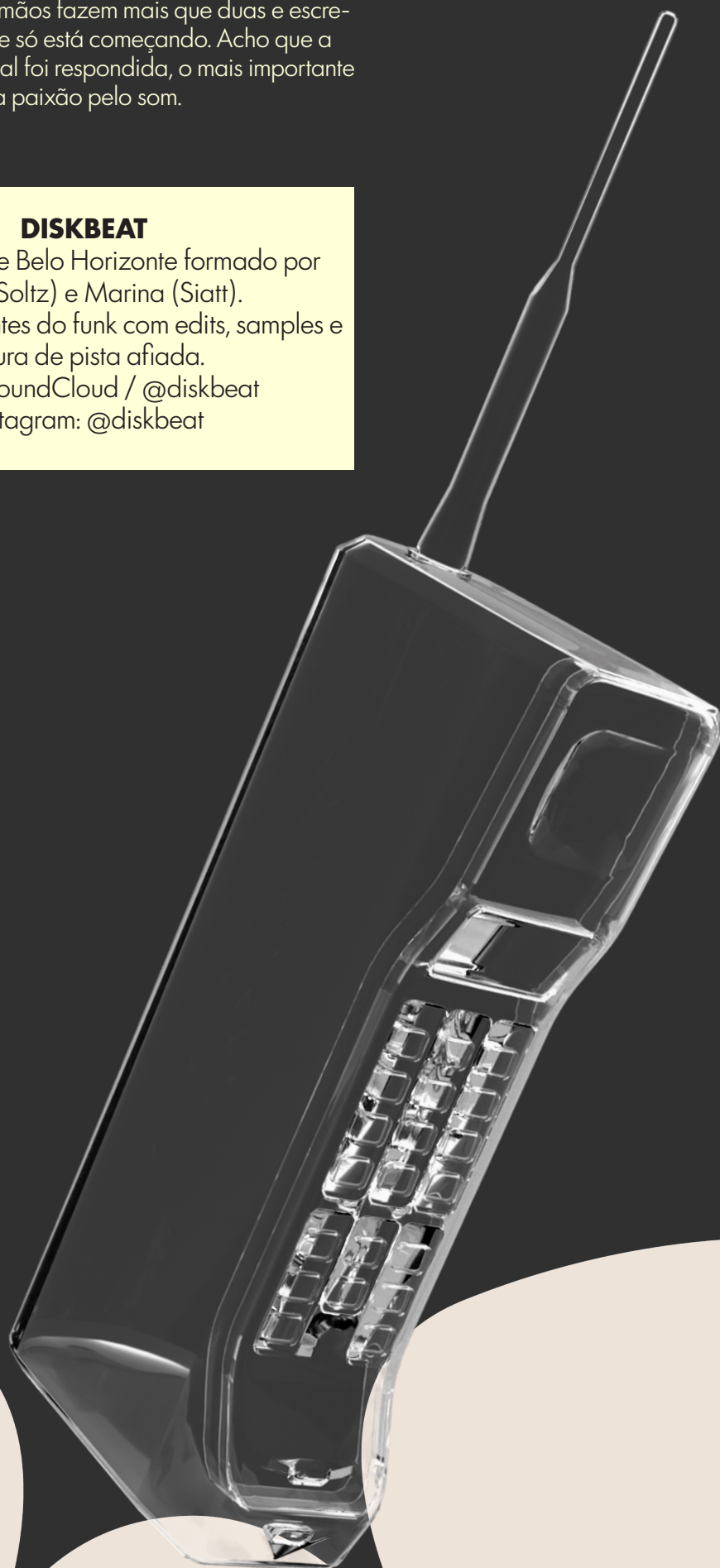


mais quando saem daqui, porque em outros lugares o público já espera algo diferente.

O DISKBEAT surgiu de uma junção inesperada que deu muito certo, onde 4 mãos fazem mais que duas e escrevem uma história que só está começando. Acho que a minha pergunta inicial foi respondida, o mais importante para se tornar dj, é a paixão pelo som.

DISKBEAT

Duo de DJs de Belo Horizonte formado por Thaís (Soltz) e Marina (Siatt).
Misturam vertentes do funk com edits, samples e leitura de pista afiada.
Ouça: SoundCloud / @diskbeat
Instagram: @diskbeat



Arte: ponte ou linguagem?

Ensaio | Por Júlia Sayuri

Quando pensamos em arte, pensamos em algo que nos atravessa. Não é apenas algo que vemos, escutamos ou lemos, parece muito mais algo que toca. Há músicas que parecem dizer exatamente aquilo que não conseguimos formular. Há quadros que organizam um caos interno. Há poemas que nomeiam uma dor que até então era muda. A arte, nesse sentido, não é enfeite da existência: ela é linguagem do indizível.

Na psicologia, e especialmente na área clínica, isso aparece com frequência. Muitas vezes, o paciente não consegue dizer diretamente o que sente. Mas ele traz uma música. Ele cita um trecho. Ele fala de um filme. E ali, naquela escolha, há uma verdade. A arte funciona como uma espécie de mediadora entre o mundo interno e o mundo externo. Ela permite que algo que estava difuso ganhe forma.

Freud, ao montar seus escritos usa um termo muito interessante para falar disso, a sublimação. Para ele, a sublimação é um destino possível das pulsões: a energia que poderia se expressar de forma sintomática (sintomas), ou até mesmo algo destrutivo, encontra um caminho socialmente valorizado, como a arte, a ciência e a escrita. O artista, nesse sentido, não é alguém “livre de conflitos”, mas alguém que consegue transformar seus conflitos em criação. Ele faz do excesso matéria-prima.

Mas não apenas o artista cria. O espectador também cria ao se identificar, ao sentir, ao interpretar. Quando alguém escuta uma música e diz “essa música sou eu”, há aí um movimento subjetivo potente. A canção se torna espelho, mas também janela. Ela devolve algo de si, mas também abre para algo novo, às vezes até para algo que o artista inicial não pensou.

Pensemos, por exemplo, em como certas músicas falam de amor, perda ou solidão de uma maneira que organiza afetos dispersos. Uma canção não resolve o luto, mas pode acompanhar o luto. Não cura a angústia, mas pode dar contorno a ela. Às vezes, aquilo que não conseguimos dizer em análise aparece condensado em três minutos de batida e letra. E isso não é pouco.

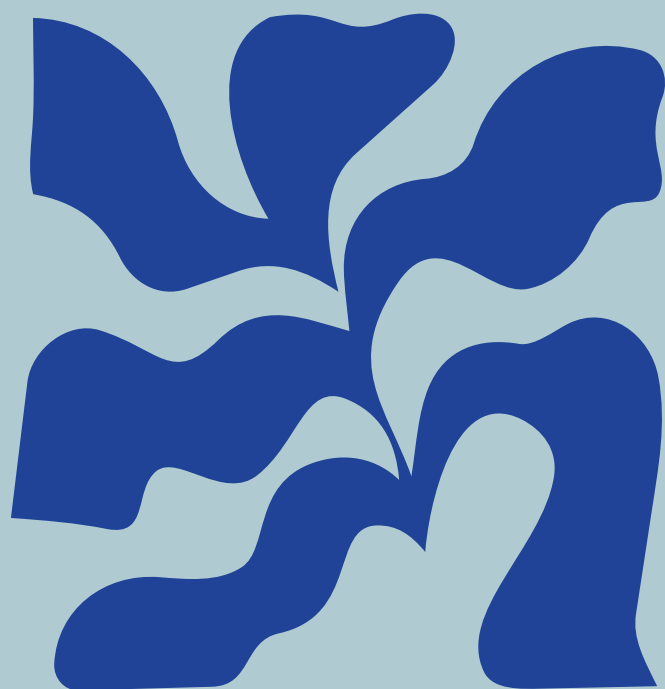
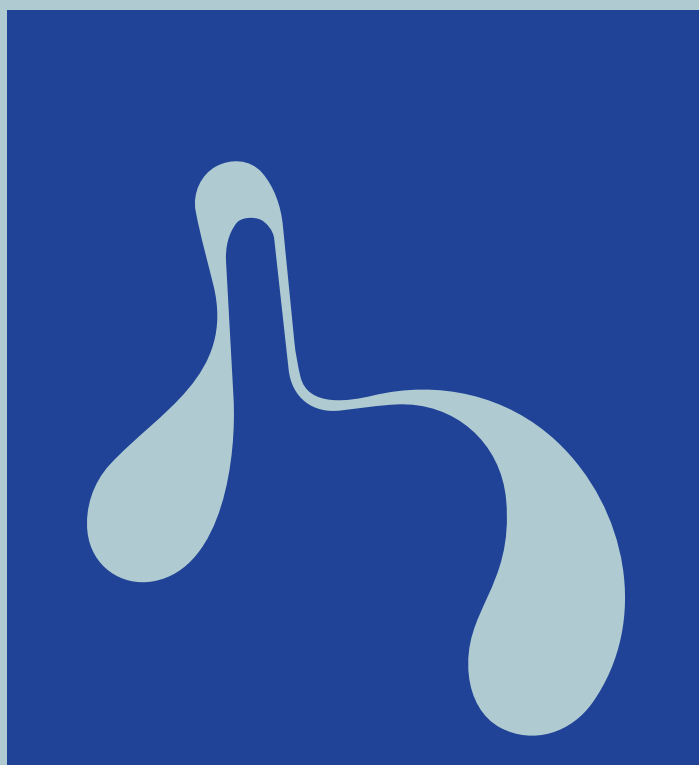
O filósofo Alain Badiou propõe que a arte é um dos quatro procedimentos de verdade (ao lado da ciência, da política e do amor). Isso significa que, para ele, a arte não é mera representação da realidade: ela produz verdade. Uma verdade que não é estatística, nem moral, mas sensível. Para ele, a arte inaugura mundos, cria novas formas de sentir e perceber.

Até mesmo quando uma música (ou obra) nos desestabiliza, ela está, de certa forma, ampliando nosso campo de experiência. Ela nos tira do automático. Nos faz parar. Nos faz sentir algo que talvez evitássemos. E nesse movimento há algo profundamente revolucionário: a possibilidade de deslocamento subjetivo, que nos permite experimentar emoções em um espaço protegido. Podemos viver a dor através de uma música triste sem que estejamos, naquele momento, vivendo uma perda concreta. Podemos acessar raiva, desejo, nostalgia, esperança, e elaborar algo disso. É como se oferecesse um cenário simbólico para que o afeto circule, sem danos tão doloridos.

E ainda, pensando na psicanálise, entendemos que nem tudo pode ser dito diretamente. Há restos, há furos, há aquilo que escapa à palavra. Nisso, a arte se aproxima justamente desse ponto de impossibilidade. Ela não explica, mas faz sentir. E, muitas vezes, sentir já é um começo de elaboração.

E talvez seja por isso que produzir (artisticamente falando) -ou consumir- é tão importante. Em um mundo que exige produtividade constante, respostas rápidas e uma objetividade quase automática, a arte nos convida a desacelerar. Ela abre espaço para a pausa, para a ambiguidade, para aquilo que não precisa ser imediatamente resolvido ou explicado. Diante dela, não somos cobrados por desempenho. Tudo isso nos lembra que somos seres de linguagem, mas também de silêncio. De razão, mas também de intensidade. Há experiências que escapam ao discurso lógico e encontram na música, na pintura ou na escrita uma forma possível de existir. A arte sustenta essa dimensão mais sensível da vida, onde o afeto pode circular sem precisar se justificar, e onde o humano pode aparecer em sua complexidade.

Criar, ouvir, ler, assistir, tudo isso pode ser uma forma de cuidado. Não no sentido de apagar o sofrimento, mas de transformá-lo. A arte não elimina a falta que nos constitui, mas pode dar forma a ela. E dar forma àquilo que dói é, muitas vezes, o primeiro gesto de liberdade. Entre a palavra que falta e o excesso que transborda, a arte constrói pontes. E nessas pontes, algo em nós encontra passagem.



Playlist

1



Noises | Pink Pantheress, Mochakk

O DJ brasileiro Mochakk numa parceria inesperada com PinkPhanteress cria uma atmosfera que te leva a pensar se tá ouvindo uns barulhos mesmo

2



you will like | Duda Beat, AJULLIACOSTA

Outro feat de peso, Duda e Júlia são praticamente opostos complementares que criam a harmonia perfeita.

3



sorry | Parcels

Parcels flui entre um indie pop e rock. Boas melodias e boas letras

4



sombras na calçada | Civil

Um achado dos anos 90, esse rock tem uma guitarra marcante pra quando não sabemos dizer nada por dizer.

Miss!

Chegamos ao fim (ou quase).

Obrigada por ter lido até aqui!

Pra continuar no clima dessa edição, corre lá no Spotify e escuta a nossa playlist. É o jeito perfeito de fechar (ou recomeçar) essa experiência.



ACESSE A PLAYLIST COMPLETA

REVISTA ORLA
EDIÇÃO 1 | PILOTO
EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO DE BIANCA ALMEIDA
TEXTOS DE BIANCA ALMEIDA, JULIA SAYURI E
YASMIN LOMBARDI

BELO HORIZONTE | JANEIRO 2026